

Identidade nacional e Identidade internacional – um estudo com alunos do 10º ano de escolaridade¹

Olga Magalhães

Universidade de Évora/CIDEHUS

omsm@uevora.pt

Resumo: Este estudo, integrado no Projecto HiCon (Consciência Histórica – Teoria e Práticas, aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo POCTI, participado pelo fundo comunitário europeu FEDER), pretende investigar de que formas alunos do 10º ano de escolaridade, de diferentes áreas de estudo, relacionam as suas ideias sobre mudança e significância do passado com a compreensão da sua vida actual e as perspectivas para o futuro. A partir dos dados, recolhidos através de uma tarefa de papel e lápis, foi possível encontrar níveis diferenciados de elaboração e sofisticação das diferentes narrativas produzidas e detectar algumas diferenças entre as narrativas nacionais e internacionais.

Palavras-chave: Compreensão do passado, identidade nacional, significância histórica.

Abstract: This study aims to investigate how students from the 10th grade (aged 14 to 17 years) relate their ideas about change and significance of the past with the understanding of their present lives and their perspectives for the future. Data, collected by a paper and pencil task, suggests that there are different levels of elaboration and sophistication in the narratives produced by students. Some differences between national and international narratives were also found.

Keywords: Understanding of the past, national identity, historical significance.

1. Introdução

A ideia de “consciência histórica”, discutida por Rüsen (1993) trouxe uma nova luz ao debate sobre as relações entre a compreensão do passado, a tomada de decisões no presente e a perspectivação do futuro. No campo da educação histórica, esta ideia influenciou estudos recentes, como o de Angvick &

¹ *Projecto HiCon: Consciência Histórica – Teoria e Práticas*, aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo POCTI, participado pelo fundo comunitário europeu FEDER

Borreis (1997) e está igualmente presente na base do Projecto “*Consciência Histórica – Teoria e Práticas*” que procura investigar, num estudo multifacetado, as ideias de alunos e professores sobre significância, narrativa, explicação e evidência em História e também a relação entre identidade social, cidadania e História. É neste projecto que se insere o estudo que seguidamente se apresenta.

2. O estudo

2.1. Pergunta orientadora do estudo

Como é que os alunos portugueses relacionam as suas ideias sobre mudança e significância do passado com a compreensão da sua vida actual e as perspectivas para o futuro?

2.2. Método

Para este estudo foram seleccionados 150 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, de 12 turmas do 10º ano, escolhidas aleatoriamente em seis escolas do Norte, Centro e Sul de Portugal. A recolha de dados foi realizada entre Janeiro e Março de 2005.

A opção por alunos do 10º ano prendeu-se com o facto de se pretender inquirir alunos que tivessem acabado de concluir a escolaridade básica obrigatória. A escolha aleatória de turmas visou incluir na amostra alunos dos diferentes cursos em funcionamento no ensino secundário.

A estes alunos foi sucessivamente solicitado que elaborassem duas pequenas narrativas sobre os últimos cem anos da História de Portugal e sobre os últimos cem anos da História do Mundo. Para a realização de cada tarefa foi atribuído o tempo de cerca de trinta minutos. As tarefas foram realizadas na presença do(s) investigadores, durante aulas de disciplinas do seu plano de estudos. Coube ao(s) investigador(es) explicar o que se pretendia com o estudo e dar as instruções necessárias para a execução das tarefas. Procurou-se igualmente deixar claro, junto dos alunos, que o trabalho pedido não tinha nenhuma relação com avaliação de conhecimentos, sublinhando-se o facto as mesmas tarefas estarem a ser pedidas a alunos que frequentavam, no 10º ano, a disciplina de História e a alunos que a não frequentavam.

A análise dos dados foi levada a cabo numa base qualitativa, procurando identificar padrões de ideias relacionadas com consciência histórica, numa abordagem flexível, tal como é sugerido por Lee (2002).

3. Resultados

Os resultados que emergem da análise dos dados recolhidos, sugerem que raramente os alunos tornam explícita a forma como a história contribui para a sua história pessoal. Apesar disso, foi possível detectar um conjunto de níveis diferenciados de sofisticação e elaboração dos textos produzidos, de ideias fragmentadas sobre o passado a narrativas estruturadas. Foi igualmente possível detectar uma narrativa nuclear:

“Aqui, em Portugal, conquistámos liberdade e democracia, mas agora também temos uma crise económica; no resto do Mundo há progresso tecnológico, mas também existe guerra e terrorismo”.

Em consonância com este esquema global, os dados apontam para a existência de duas histórias diferentes – à escala nacional – uma história de progresso social e político, decorrente da conquista da liberdade, depois de longos anos de ditadura; a mudança é sobretudo concebida como resultado de marcos político-sociais e regista-se uma visão positiva da mudança, por vezes equilibrada, por vezes linear; – à escala internacional – uma história de guerra e ataques terroristas, mas também de progresso científico e tecnológico, na qual a mudança resulta sobretudo de marcos políticos e de continuidades culturais; a mudança é aqui encarada de uma forma globalmente negativa, por vezes linear, por vezes numa visão equilibrada.

A análise cruzada dos dados relativos à História de Portugal e à História do Mundo permitiu igualmente construir cinco níveis de sofisticação da estrutura das narrativas específicas:

Considerações gerais – observações valorativas sobre o estado da Terra sem nenhuma referência temporal concreta;

Listas de acontecimentos – conjuntos de acontecimentos, sem qualquer ordem cronológica;

Cronologia – conjuntos de acontecimentos ordenados cronologicamente;

Narrativa emergente – uma narrativa assente em alguns marcos, frequentemente o início e o final da história, ligados entre si por uma descrição do que aconteceu e/ou uma explicação de causas e consequências;

Narrativa completa – uma narrativa assente num conjunto significativo de marcos longitudinais, interrelacionados numa trama na qual as situações são descritas e explicadas em termos de causas e consequências.

Estes cinco níveis de sofisticação apenas foram encontrados nas narrativas nacionais, enquanto que nas narrativas internacionais não foi possível identificar nenhum texto que coubesse na categoria de “narrativa completa”, o que, de alguma forma, suscita alguma perplexidade, uma vez que os programas de História do ensino básico se orientam predominantemente para a história mundial.

Alguns exemplos permitem ilustrar estes diferentes níveis de sofisticação:

Assim Maria, de 16 anos, manifesta, no seu texto, um conjunto de **considerações gerais** sobre o Mundo:

“A terra nestes últimos cem anos tem sofrido alterações, tem-se desenvolvido, rapidamente, com muito melhor tecnologia. Apesar de o mundo ser cada vez mais poluído, devido principalmente à tecnologia... torna-se mesmo assim desenvolvido, provocando o desgaste da atmosfera, fazendo com que o buraco do ozono aumente, o que vai originar a diminuição da vida. A Terra também sofreu catástrofes de origem natural, como tsunamis, como por exemplo o da Ásia, que matou muita gente de diferentes nacionalidades”

Já Carlos, de 15 anos, evidencia conhecimento substantivo sobre o tema que lhe foi proposto e constrói uma **narrativa emergente** sobre a história da Terra:

“Nos últimos 100 anos houve duas guerras mundiais. A Primeira Guerra Mundial (1914-18) foi o Império Austro-Húngaro contra a França e Inglaterra, por causa de conflitos de interesses.

A Segunda Guerra Mundial (1939-45) deveu-se ao facto de Adolfo Hitler ter invadido a Polónia e querer conquistar a Europa toda. Ele foi derrotado na Rússia por causa do frio e depois suicidou-se (sic).

Em 1991 houve a Primeira Guerra do Golfo e, em 2001, a Segunda Guerra do Golfo. No dia 11 de Setembro de 2001, houve um ataque terrorista às Torres Gémeas, reivindicado pela Al-Qaeda”.

Nos diferentes textos produzidos pelos alunos foi possível encontrar uma constante: os diferentes marcos históricos por eles referenciados estão genericamente focados em situações ou acontecimentos colectivos e raramente são atribuídos a indivíduos. Tal não significa porém que se não registem referências a personagens concretas. No entanto, tais referências parecem concretizar-se sobretudo em torno de figuras que podemos classificar como “*maus*”, “*vítimas*” e alguns “*heróis*”, tanto no que se refere à história nacional como quando se trata da História do mundo.

De facto, as personagens mais referidas são geralmente associadas a períodos e/ou factos negativos para a História de Portugal ou do Mundo. Esses são os casos de Salazar (genericamente referido nas narrativas nacionais como figura tutelar da ditadura e responsável pela opressão e falta de liberdade em Portugal), Hitler, Bin Laden ou Saddam Hussein.

Por outro lado, outras personagens referidas surgem ligadas a factos independentes da sua vontade e que culminaram com o exílio (D. Manuel II) ou a morte (D. Carlos ou o Arquiduque Francisco Fernando), podendo pois ser incluídas numa categoria de “*vítimas*”.

Finalmente, foram também referenciadas algumas personagens às quais pode ser atribuído um estatuto de “*heróis*” pelo facto de serem apresentados como figuras merecedoras de orgulho nacional, como José Saramago, Eusébio ou Luís Figo, ou merecedoras de respeito, como o papa João Paulo II ou Maradona.

4. Conclusões

Como se referiu anteriormente, os dados aqui apresentados são indissociáveis de uma integração no contexto mais geral do estudo levado a cabo e, portanto, do seu cruzamento com as narrativas relativas aos últimos cem anos da História de Portugal.

No entanto, cabe ressaltar alguns apontamentos que podem permitir uma melhor compreensão do pensamento dos nossos jovens estudantes. Em primeiro lugar, o desenvolvimento científico e tecnológico é especialmente referido nos textos sobre a história do Mundo, por boas e más razões. Boas razões aquelas que remetem para um progresso gerador de melhoria das condições da vida humana na terra. Más razões as que atribuem a esse desenvolvimento a origem, ou pelo menos a

responsabilidade, da destruição do planeta e gerador de desequilíbrios ecológicos mais ou menos fatais no médio e longo prazo. Por seu turno, a própria ideia de desenvolvimento científico e tecnológico está praticamente ausente dos textos sobre Portugal, onde a atenção se centra fundamentalmente no desenvolvimento político e social.

No caso dos textos relativos à História do Mundo importa também realçar que, mesmo nas narrativas emergentes, parecem coexistir duas fontes primordiais de informação para os alunos – a informação escolar, no que se refere à história da primeira metade do século XX, presente nos diferentes tipos de textos com referências às Primeira e Segunda Guerras Mundiais, à crise de 1929 ou aos regimes totalitários dos anos 30; – a informação proveniente dos meios de comunicação social, com as referências à Guerra do Golfo, ao ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque, à invasão do Iraque ou ao tsunami na Ásia.

Entre estes dois momentos – final da 2ª Guerra Mundial e final do século XX – parece existir um hiato que apenas termina com o passado mais próximo e com o recurso às notícias divulgadas pelos meios de comunicação social. Parece, pois, ser possível afirmar que, embora o programa de História do 3º ciclo do ensino básico ultrapasse amplamente o marco cronológico dos anos 50 do século XX, tal não se reflecte nos conhecimentos que os alunos conseguem mobilizar quando confrontados com uma tarefa concreta como a que lhes foi solicitada.

Igualmente é de referir que a mesma situação parece ocorrer quando nos detemos na análise das personagens internacionais referenciadas pelos alunos – do conhecimento escolar sobressaem apenas o arquiduque Francisco Fernando e Hitler. As restantes personagens mais citadas resultam da divulgação feita pelos meios de comunicação social – de Bin Laden ao papa João Paulo II.

Uma reflexão final – estes resultados parecem estar em consonância com os resultados obtidos em outros estudos internacionais, pelo menos no que se refere à ideia de uma história nacional de progresso social e liberdade (Barton & Levstick, 2004).

5. Referências bibliográficas

Angvik, M. & Borries, B. (1997). *Youth and History: A Comparative European Survey on Historical Consciousness and Political Attitudes among Adolescents*, Vols A and B. Korber Foundation, Hamburg.

Barton, K. & Levstick, L. (2004). *Teaching History for the common good*. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates

Lee, P. (2002). *‘Walking backwards into Tomorrow’: Historical Consciousness and Understanding History*. [Referência Online, ver <<http://www.cshc.ubc.ca>>, acedido a 4 Fevereiro 2006]

Rüsen, J.(1993). *Studies in Metahistory*. Human Sciences Research Council, Pretoria.